



Alguns erros são mortais.
Para evitá-los é que existe
a Private.

JAMES PATTERSON

PRIVATE

LONDRES

AGÊNCIA INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÕES

& MARK PEARSON



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para Lynn, como sempre, com amor – M.P.

Introdução

QUANDO OS RICOS E FAMOSOS estão em apuros, a primeira ligação que eles fazem não é para a emergência. Eles ligam para a minha equipe, a Private. Desde que o meu pai me deixou a agência – uma primeira e última tentativa de reconciliação, feita da cela em que ele estava na prisão – a reputação da Private só cresceu. Com clientes de elite nos procurando no mundo todo, abrimos diversas filiais, de Los Angeles a Nova York, de Paris a Tóquio. Os casos mais importantes, no entanto, parecem cair sempre no escritório de Londres.

Foi a nossa filial que capturou o lunático que ameaçou os Jogos Olímpicos em Londres. Mas antes das tragédias que ocorreram durante esse caso, a Private Londres lidou com um desafio bem pessoal para mim, envolvendo uma jovem chamada Hannah Shapiro.

Conheci Hannah antes de assumir a liderança da Private, três dias depois do seu aniversário de 13 anos. Ajudei a resgatá-la de um sequestro que teve um final trágico.

Hannah passou por uma fase difícil depois disso. Aos 20, foi estudar na Inglaterra e eu tive que fazer o possível e o impossível para garantir a sua segurança. Devido ao grande valor que Hannah representava, precisei de alguém confiável para protegê-la. A pessoa ideal para o trabalho era o chefe do escritório internacional da Private em Londres na época: Dan Carter.

Isso foi em 2010. Mas só agora, anos depois, sinto que chegou a hora de contar esta história. É estranho, ainda parece que aconteceu ontem. O dia em que eu arrombei aquela porta para encontrar uma garota de 13 anos cuja vida nunca mais seria a mesma.

Jack Morgan

PARTE UM

capítulo 1

9 de abril de 2003 – Los Angeles, Estados Unidos

O dia em que tudo mudou.

Manhã

HANNAH SHAPIRO ESTAVA TENDO UM dia maravilhoso.

Presentes e champanhe de café da manhã. Só uma taça, era verdade, mas um aniversário de 13 anos precisa ser especial, não é? Ela se tornaria Bat Mitzvah, “filha de um mandamento”, no próximo Sabá. Mas ainda faltavam três dias para sábado!

– Vem cá querida, tome um gole – disse Jéssica, sua mãe, com seu so-taque sulista doce e musical. – Você vai adorar. Tem gosto de lágrimas de anjo numa taça.

Ela provou. Apesar de não gostar de álcool, Hannah amava a mãe mais do que qualquer coisa no mundo e não iria desapontá-la. Assim, deu um gole, seguido de uma risada engasgada.

– Estou com bolhas no nariz.

– É por isso que custa tão caro, querida!

Hannah riu com a mãe.

Era uma manhã perfeita. A única coisa que faltava era o pai.

– É uma pena que papai não tenha conseguido voltar ontem à noite – disse ela.

– São assuntos do governo. Ele teria vindo se pudesse, querida. Tenho certeza disso.

– Eu sei.

– E ele prometeu tentar pegar o voo das três. Mesmo se tiver que brigar com o chefe de gabinete! – afirmou sua mãe, abraçando Hannah e bagunçando o seu cabelo.

Hannah riu de novo. Ela não conseguia imaginar o pai brigando com ninguém.

– Vamos lá, querida. Faça um pedido de aniversário com o seu primeiro champanhe!

Hannah pensou a respeito. Suas melhores amigas da escola, Sally Hunt e Tiffany Wells, já estavam com 14 anos. Sally ganhou um pônei para jogar

polo, e Tiffany, um relógio de diamantes da Cartier. Os pais de ambas as garotas estavam passando por mais um divórcio.

Ela olhou para o retrato da família pendurado sobre a lareira. Seu pai e sua mãe tão apaixonados ao lado dela.

Hannah ergueu os olhos para a mãe, admirando sua beleza. Não conseguia imaginar como o pai podia passar tanto tempo longe dela. E decidiu: após tomar um longo gole de champanhe, olhou de novo para o retrato da família e fez o seu desejo.

Pegue aquele voo, papai!

Tarde

Atravessando a Rodeo Drive, em Beverly Hills, Hannah deu a mão para a mãe. Ambas estavam cheias de embrulhos e sacolas de todas as melhores lojas do quarteirão.

– A gente comprou muitas coisas, não foi? – comentou Hannah, com um enorme sorriso estampado no rosto.

– Seu pai disse que era para compensar por ter perdido o café da manhã. É bom que temos tempo para ficar juntas. Papai não faz compras.

Hannah riu.

– Eu sei.

– Já a sua mãe... é profissional em compras! – Jessica Shapiro piscou para a filha.

Momentos depois, pegou as chaves da Mercedes conversível parada no estacionamento subterrâneo. Ao erguer os olhos, surpreendeu-se com a aparição súbita de dois homens com capuzes pretos.

O grito de Hannah foi interrompido quando a mão áspera de alguém cobriu a sua boca.

– Manda a putinha calar a boca agora! Senão eu estouro os miolos dela!

Jessica assentiu. Estava entorpecida de medo. Incapaz de falar. Encarando Hannah, horrorizada, ela implorou com os olhos que a filha ficasse quieta.

Três dias depois

Hannah queria gritar até a sua garganta explodir enquanto via o que

faziam com a mãe. Mas não conseguia. Sua cabeça tinha sido coberta com fita adesiva e a boca estava dolorosamente fechada. Suas narinas estavam bem abertas, por causa do medo e da necessidade de sugar oxigênio para os pulmões, que pareciam estar queimando.

Fechou os olhos com força, mas as imagens não saíam de sua cabeça. Cruéis flashes do horror que a levaram até aquele momento.

Os homens vestidos com capuzes. Ela jogada na traseira de uma perua sem janelas, forçada a ficar deitada no chão frio de metal. As mãos amarradas com fita. Em seguida a boca, os pés.

O veículo em movimento, seu corpo batendo com força na lateral. Pneus cantando. Seus próprios gritos abafados. Um saco escuro a cobrindo.

Escuridão. O som da sua mãe soluçando por perto. Um som lamentoso, doído.

Sua bexiga se esvaziando. A vergonha.

A grande dor que se seguiu.

Sua mãe jazia nua na cama. Tinhas as mãos acima da cabeça, amarradas cruelmente na cabeceira.

Um dos homens estava em cima dela. Grunhindo enquanto a estuprava. Alimentando-se da sua dor, da sua humilhação, do seu desamparo. Não demorou muito. Ele se levantou e gesticulou para o outro homem de capuz, recostado na parede oposta.

– Sua vez agora.

– Na mamãe não – respondeu o segundo homem, seco. – Prefiro carne mais fresca.

Hannah gemeu, horrorizada ao se dar conta do que ele queria dizer.

O homem ergueu a arma que segurava casualmente na mão direita, prendendo um silenciador na ponta do cano. Em seguida, apontou para a mãe de Hannah.

– Foi o seu marido quem fez isso com você, não eu. Ele não quis pagar o resgate.

Hannah balançou a cabeça violentamente, implorando com os olhos, gritando por seu pai como vinha fazendo desde que aquele horror começara. Por que não tinha dado o dinheiro? Por que não quis salvá-las? Onde ele estava?

Os olhos do pistoleiro eram frios.

– Ele teve uma chance – disse, com simplicidade.

E puxou o gatilho. Atirou duas vezes em Jessica Shapiro. Os tiros fizeram um barulho parecido com o de uma pistola de pregos.

– Não dá pra dizer que não demos uma chance para o papai – disse o homem encapuzado.

Hannah desabou na cadeira, tonta. Estava entrando em choque. O medo causava um aperto tão forte em seu coração que ela não conseguia respirar. O homem guardou a arma no coldre e abriu o cinto da calça.

– Desamarra a garota.

Naquele instante, tarde demais, a porta do lugar foi arrancada das dobradiças.

Quando o atirador se virou, uma bala o acertou bem na testa, explodindo a cabeça inteira. O som do tiro ainda ecoava pelo ar, ensurdecedor, enquanto o corpo deslizava parede abaixo.

O outro sequestrador deu um passo na direção do cúmplice antes de ser derrubado por três tiros da semiautomática. Ele caiu sobre os joelhos e tombou de lado, morto antes mesmo de bater no chão.

Uma fina névoa vermelha pareceu flutuar por um instante, até ser atravessada por um homem alto, baixando a arma que segurava com as duas mãos.

Ao olhar para a garota, no entanto, sua expressão era de tristeza, de desculpas.

– Você está segura agora, Hannah – falou Jack Morgan.

capítulo 2

Sete anos depois. Em algum lugar sobre o Atlântico.

MEU NOME É DAN CARTER. Eu administro o escritório da Private em Londres.

Naquele instante, eu estava sentado na primeira classe a caminho de Nova York para me encontrar com o meu chefe. Já fui da Polícia Militar Real britânica. Estou prestes a completar 40 anos, mas ainda consigo correr um quilômetro e meio em menos de cinco minutos e levantar 110 quilos no supino. Poderia ficar mais musculoso, mas os meus ternos servem perfeitamente. Na minha linha de trabalho força bruta não é a coisa mais

importante. Concluindo a minha ficha, tenho pouco mais de 1,80 metro de altura, cabelos loiros escuros e olhos azuis. Peso 84 quilos e, um dado importante: não me assusto com facilidade.

Mas não gosto de voar.

– Desculpe, o que você disse?

– Eu perguntei se o senhor gostaria de outro drinque – disse a aeromoça.

Ela tinha um sorriso que poderia iluminar todo o estádio Wembley, mas eu nem percebi. Como disse, não sou bom no quesito voo. Por outro lado, o homem que eu estava indo encontrar era. Jack Morgan, ex-piloto militar. Serviu por um tempo no Afeganistão. Agora é o dono da Private.

Merda, quem estou enganando? Jack Morgan é a Private.

A aeromoça se afastou e eu tomei outro golinho de cerveja. Não queria exagerar. Era deselegante aparecer bêbado para uma reunião importante. Eu não sabia se o meu patrão costumava dar segundas chances, mas não pretendia descobrir. Por alguma razão, achava pouco provável.

Um dos motivos pelos quais ele me contratou foi porque resgatei um soldado americano no Iraque. Salvei a sua vida. Não falo sobre isso, mas ele ficou sabendo o que aconteceu de verdade. Basta dizer que eu não estava seguindo as ordens vigentes e, por isso, provavelmente poderia ter sido levado à corte marcial e dispensado com desonra.

Bem, talvez fosse melhor se isso tivesse acontecido. Acabei saindo por invalidez e passei um tempo na cadeira de rodas. Jack Morgan verificou minhas referências minuciosamente. Chegou até a falar com o jovem soldado que carreguei de uma zona de combate até o posto de ajuda médica.

Ele não se incomodou com o fato de eu ter matado os outros dois soldados americanos que atiraram no rapaz e estavam estuprando a mulher de um suposto construtor de bombas. Não, ele sabia o que tinha acontecido, apesar de as pessoas que me deram uma medalha pelo resgate não saberem. E eu sinceramente espero que nunca descubram. Mas Jack Morgan aprovou. Ele sabia das circunstâncias e queria um homem capaz de tomar as próprias decisões, que ficasse encarregado da sua operação em Londres. Fazer o trabalho, custe o que custar, e viver com as consequências.

Acho que provei ser capaz disso. Ao menos para ele.

Para mim, no entanto, as coisas nunca eram tão preto no branco. Certeza moral é algo que pode desmorrar bem rápido quando você pega o

dinheiro do rei e marcha para o exterior a fim de lutar na guerra de outro homem.

Ou voa.

Como eu estava fazendo.

capítulo 3

RESISTI À TENTAÇÃO DE CAIR de joelhos sobre a pista do Aeroporto JFK e beijar o chão. Afinal, as pessoas estavam olhando e crianças pequenas corriam à minha frente rindo, como se não tivessem passado por sete horas de provação. *Muito jovens para compreender os riscos*, pensei enquanto seguia para a entrada do aeroporto.

Uma hora depois, eu estava esperando no Blue Bar em Algonquin, tomando uma cerveja gelada. Tentava agraciar a garçonete com um pouco da minha astúcia, mas era como jogar pedras num muro de concreto.

Finalmente ela abriu um sorriso, mas não foi para mim. Estava olhando para a entrada, para o homem que vinha em minha direção.

Jack Morgan.

Ele está acostumado. Jack é um ótimo amigo e um péssimo inimigo, mas não é alguém bom de se ter ao lado quando se está num bar tentando conhecer uma garota simpática para dançar.

– Dan – ele me cumprimentou sorrindo e estendeu a mão.

– Jack – respondi e apertei a mão dele.

Tinha uns dois centímetros a mais do que eu, além de ser mais forte. Um dos seus colegas de futebol americano me disse uma vez que ele poderia ter se tornado jogador profissional. Não duvidei. Seu tio era o dono dos Raiders, para começo de conversa, e isso provavelmente o teria ajudado.

Ele sorriu para a garçonete.

– Quero o de sempre, por favor, Samantha.

– Num instante, Sr. Morgan.

Ela mostrou os dentes de novo. Esta é uma especialidade americana: dentes.

– Agradeço por ter vindo, Dan.

Eu me virei para Jack e dei de ombros.

– Você é o chefe.

– E você é o chefe em Londres. Acho que está se perguntando por que eu preciso de você para um simples trabalho de proteção.

– Estou um pouco curioso – admiti. – Alguém de Nova York não poderia ter levado a garota? Poderíamos tê-la recebido no aeroporto.

– Sim, mas a verdade é que este caso não tem nada de simples.

capítulo 4

– **O QUE VOCÊ SABE SOBRE HANNAH Shapiro?**

– Absolutamente nada. Sua assistente disse que você me informaria tudo e que eu deveria me encontrar com você aqui.

– Bom. Quanto menos gente souber disso, melhor. Mais seguro.

Jack pegou o drinque e colocou sua maleta no balcão, abrindo-a.

– A não ser pelo primeiro nome, ela agora tem uma identidade completamente nova. Sobrenome, passaporte... tudo.

– Programa de proteção às testemunhas?

– Algo do tipo.

– Deixe-me adivinhar... Não tem aprovação do governo?

– Na verdade, tem.

– Quantos anos?

– Hannah tem 20.

– E eu vou levá-la de volta à Inglaterra?

– Vai.

– Por quanto tempo?

– Três anos.

Olhei para ele intrigado e tomei um gole de cerveja. Em seguida, assenti.

– Tempo suficiente para conseguir um diploma, suponho?

Jack Morgan sorriu satisfeito.

– Você é rápido.

– Onde ela vai estudar?

– Na Chancellors.

Foi a minha vez de sorrir. Uma das melhores e mais antigas. Olhei para os documentos. Ficou claro que dinheiro não era um problema. A Private não cobrava barato, nem mesmo se fosse só para ficar de mãos dadas num voo curto.

– Esse não é um trabalho de babá, Dan.

Resisti ao ímpeto de reagir.

– Não é?

– Ela é uma carga extremamente valiosa. Preciso que fique de olho nela na Inglaterra em tempo integral. Seja discreto.

– Discrição fica difícil se ela andar cercada por guarda-costas o tempo todo, como a Madonna.

– De fato. Por isso você será mais um acompanhante do que um guarda-costas. Entre em contato se ela começar a se envolver com pessoas inadequadas. Procure escutar e observar tudo. Discretamente.

– Tão discreto que nem Hannah vai saber?

– Acertou de novo.

– Quando o curso dela começa?

– Setembro.

Tomei um gole da cerveja.

– Talvez eu precise de alguma ajuda.

– Já cuidei disso. – Jack indicou a maleta. – Falei com o diretor.

– O que ela vai estudar?

– Psiquiatria.

Assenti, pensativo.

– Isso deveria fazer sentido de alguma maneira?

– Ela teve alguns problemas no passado sobre os quais não posso falar. Talvez o curso a ajude a lidar com algumas coisas.

– E nós garantiremos que ela possa fazê-lo sem ser incomodada.

– O pai dela é um grande cliente nosso, Dan. Um cliente de sete dígitos. Ela é importante.

– O que ele faz?

Jack olhou para mim com um pequeno sorriso espirituoso.

– Ele paga as contas.

– Como você mesmo disse, quanto menos gente souber, melhor.

– É isso aí. – Nós brindamos e ele esvaziou o copo. – Ok. Vamos conhecer o bebê de um milhão de dólares.

capítulo 5

A CARGA PRECIOSA DA QUAL EU cuidaria era exatamente como eu imaginava.

Uma típica menina da Costa Oeste com muito dinheiro e bastante atitude. Meu palpite era uma jovem bronzeada e linda.

Ela era jovem, essa parte eu acertei. Parecia até mais jovem do que realmente era.

Hannah tinha cabelos castanhos, amarrados para trás, usava óculos de aro de tartaruga, uma saia simples, uma blusa com cardigã e sapatos sem salto. Não sei o nome da garota nerd do *Scooby Doo*, mas ela era uma versão mais magra da personagem. Sem nenhuma maquiagem aparente... e meus olhos são muito bons com esse tipo de coisa.

Estava ansiosa. Mais do que isso. Hannah Shapiro parecia completamente indefesa.

– Oi, o meu nome é Dan. Dan Carter.

Ela retribuiu o cumprimento com a mão pequena e delicada, mas não disse uma palavra e não fez contato visual.

Talvez fosse por causa do ar confiante de autoridade masculina que eu exalo. Talvez... Parecia que um vento forte poderia derrubá-la. Se ela fosse estudar psiquiatria, supus que as suas ambições profissionais tendessem para a área de pesquisa. Não consegui imaginá-la como médica, com o divã e a voz reconfortante, orientando uma conversa por meio de perguntas. Pessoas que fazem esse tipo de trabalho precisam saber como deixar o paciente confortável.

Mas havia outra razão para ela estar ansiosa. Hannah estava ao lado de Del Rio.

Membro da equipe de Jack no escritório da Costa Oeste, Del Rio cumpriu quatro anos de pena nas mãos do Estado e parecia perfeitamente disposto a fazê-lo de novo. Mas hoje em dia ele estava no nosso lado da lei, embora não exatamente dentro da lei.

Afinal, esta é a função da Private. Nós não somos limitados pelas mesmas regras que regulam a ação dos nossos colegas uniformizados. É assim que ganhamos dinheiro. E se metade dos rumores que ouvi sobre Del Rio

forem verdade, ele deve estar mais do que disposto a fazer justiça com as próprias mãos... com consequências letais.

Apertei a mão dele. Enquanto o cumprimento da garota era leve como uma pena, o cara tinha o aperto de uma anaconda. Del Rio assentiu. Ele não também não disse nada, mas não acho que tenha sido por falta de autoconfiança. Só um trator conseguiria abalar a autoconfiança dele.

– Dan vai cuidar de você agora, mas, se precisar falar comigo, você tem o meu número, ok? – disse Jack Morgan à garota, que ainda parecia mais interessada nos próprios pés do que em qualquer outra coisa.

– Sim, Jack – respondeu ela. – Obrigada. – Em seguida, ergueu os olhos e sorriu. Ela tinha um sorriso simpático.

– A qualquer hora, dia ou noite. – Jack me deu um tapinha nas costas. – Cuide bem dela, Dan. Estou contando com você.

– Pode deixar – respondi. – Está pronta?

– Claro – respondeu ela.

Não ganhei um sorriso, mas imaginei que fosse apenas uma questão de tempo. Um voo de seis horas é suficiente para conhecer alguém. Eu quebraria as defesas dela em menos de quatro, calculei. Era o velho charme Dan Carter. Alguém deveria engarrafá-lo.

capítulo 6

DUAS HORAS DEPOIS, SUSPIREI ALIVIADO e, com um pouco de esforço, soltei meu cinto.

Olhei para a jovem ao meu lado, tirando o próprio cinto sem a menor dificuldade, sem desviar a atenção do e-book que estava lendo.

Eu tinha deixado Hannah sentar na janela, mas ela baixou a veneziana. Foi quando avisaram que haveria um pouco de turbulência e o sinal para afivelar os cintos foi ligado. Prendi o meu em bem menos tempo do que levei para tirar. Felizmente a turbulência prometida não aconteceu!

Estiquei a cabeça para ver o livro no qual Hannah estava tão compenetrada.

– O que você está lendo? – perguntei.

– *Os belos e malditos* – respondeu ela sem erguer os olhos.

– *Suave é a noite* é o meu livro favorito – comentei.

Ela ergueu os olhos, surpresa.

– Mesmo?

– Mesmo. E eu sei o que você está pensando.

– O que estou pensando?

– “Um homem grande não tem tempo para fazer nada além de sentar e ser grande.”

Uma pequena brecha surgiu no canto de sua boca. Podia até ser um sorriso.

– Fitzgerald?

– O próprio. *Este lado do paraíso.*

– *Suave é a noite...* era o livro favorito da minha mãe.

– Sente falta dela?

– Sim. Ela morreu, Sr. Carter.

– Sinto muito.

– Foi há muito tempo. Eu era criança.

– O que aconteceu?

– Eu cresci.

Decidi não insistir. Estava claro que Hannah não queria falar sobre aquilo. Tive a impressão de que o que quer que tenha acontecido, não parecia ter sido muito tempo antes. Ela podia ter 20 anos, mas ainda parecia uma criança para mim.

– Perder a mãe nunca é fácil – disse gentilmente. – Não importa a idade.

– Seus pais estão vivos, Sr. Carter?

– Meu pai morreu alguns anos atrás. Minha mãe ainda está conosco, graças a Deus.

Ela me encarou sem piscar por um momento, como se estivesse buscando algo nos meus olhos.

– Você deveria mesmo agradecer a Deus. Você deve valorizá-la, Sr. Carter. Nada na vida é mais precioso do que nossa mãe.

– Eu valorizo – respondi, sentindo uma pontada de culpa. Não falava com a minha mãe havia mais de uma semana.

Hannah assentiu, como que satisfeita com a minha resposta.

– Foi câncer – disse ela baixinho. – Nada que pudessem ter feito.

– Sinto muito – repeti.

Ela balançou a cabeça.

– Não foi culpa de ninguém, foi?

Não respondi.

– Meu pai é cientista, sabia? Extremamente rico e inteligente. Mas também não pôde fazer nada.

Ela tinha razão. Às vezes a morte simplesmente chega. Pelos lados, por trás, pela frente... como um trem em alta velocidade. Qualquer que seja a direção, nada pode ser feito a respeito. Eu sei disso melhor do que a maioria das pessoas.

– Meu pai presenteou a minha mãe com a primeira edição de *Suave é a noite* no vigésimo aniversário de casamento deles. Ela tratou o livro como se fosse a coisa mais valiosa no mundo.

– Talvez fosse... – Parei por um instante. – Depois de você, lógico.

Dessa vez consegui um sorriso. Mas foi um sorriso triste.

– Quando ela morreu foi como se a luz tivesse sumido do meu mundo, Sr. Carter. Todo o calor foi embora.

– Me chame de Dan, por favor.

Hannah parecia não estar escutando, perdida nas suas próprias memórias.

– Às vezes eu sinto que ainda estou caminhando nas sombras, esperando um nascer do sol.

Pensei na minha mãe, e no meu querido e falecido pai. Sabia como ela se sentia.

– O sol nasce. Eventualmente ele sempre acaba vindo.

– “A esperança é a coisa com penas.”

– Emily Dickinson.

– Você é um homem cheio de surpresas, Sr. Carter.

Deixei passar o *senhor* e estendi a minha mão.

– É Dan, lembra? – perguntei.

– Certamente – respondeu ela, apertando a minha mão e me olhando nos olhos.

Dessa vez, sorriu. Eu sorri de volta. Estava indo melhor do que eu tinha imaginado.

– Eu não deveria ter dito que o meu pai é um cientista.

– Tudo bem. Eu sei manter segredo. Faz parte do emprego.

– Imagino que sim. Eu não sabia que eles tinham detetives particulares na Inglaterra. Achei que eram só policiais.

– E alguns de nós.

– Você era da polícia?

– Polícia Militar Real. Os “boinas vermelhas”.

– Você serviu no exterior, então?

– Sim.

– Assim como o Jack Morgan?

– Jack serviu no Afeganistão. Eu servi no Iraque.

– Então por que você deixou o Exército?

Olhei para Hannah por um tempo antes de responder.

– É uma história longa demais para este voo – respondi.

Ela pareceu aceitar a resposta e voltou para o livro.

Fechei os olhos e me apoiei no encosto, a lembrança daquele dia passando pela minha mente, clara como se tivesse sido ontem.

A dor ainda não tinha passado.

Eu não sabia na época, mas acabei descobrindo que Hannah e eu tínhamos muito mais em comum do que eu imaginava.

capítulo 7

9 de abril, Bagdá, Iraque.

ÉRAMOS QUATRO NO JIPE NAQUELA tarde.

Três homens, uma mulher. Uma missão cumprida. Operação Telic. Assinada, selada, entregue. O fim da guerra.

Pelo menos essa era a sensação. Estávamos partindo para verificar alguns relatos de celebrações pós-conflito que saíram do controle. Não podíamos culpar os rapazes e ninguém tinha intenção de usar a força. Muita gente já havia sido machucada. Muitos foram enviados para casa, para serem enterrados cedo demais.

Não dava para culpar os caras por tomarem um ou dois drinques e desabafarem um pouco. Se este dia não merecia uma celebração, o que merecia?

O dia estava claro e ensolarado desde o início do meu turno. Mas parecia diferente, de alguma forma. Sei lá, mais claro, limpo e forte que o normal. Eu sabia que era besteira, mas foi a sensação que tive.

O entusiasmo no ar era palpável. Eu não sentia nada parecido desde que era criança e vi a minha rua inteira participar de uma festa para celebrar o Jubileu de Prata da Rainha. Aquele dia também tinha sido quente e glorioso.

Certa vez o poeta jesuíta Gerard Manley Hopkins escreveu: “O mundo está carregado da grandeza de Deus. Incendiar-se-á, como se tivesse o brilho de um ouropel.”

Bem, para ser honesto, naquele momento a grandeza de Deus não estava tão evidente ao nosso redor. Estávamos numa parte bastante devastada da margem ocidental da cidade. Havia prédios destruídos para onde quer que olhássemos. Telhados e andares superiores em pedaços, cheios de fendas, como uma fileira de dentes arruinados. As cicatrizes das bombas incendiárias, a fumaça, a poeira e a destruição, estavam espalhadas por todo canto.

A cidade fora literalmente arreventada. Mas naquele dia o ar estava cheio de esperança. Esperança... talvez essa fosse a grandeza de Deus, no fim das contas. Pois sem esperança, o que resta? As outras três pessoas no jipe comigo tinham sorrisos firmes nos rostos.

Ao lado do banco do motorista estava o capitão Richard Smith. Tinha 30 e poucos anos e era um marido, um pai, meu oficial superior e um homem que eu teria seguido até as chamas do inferno. Uma descrição bem adequada para alguns dos lugares pelos quais havíamos passado nas últimas semanas.

Atrás do volante estava o cabo Lee Martin, na casa dos 20 anos. Um piadista irrefreável, um homem que nunca falava mal de ninguém e que daria a última moeda em seu bolso para você, caso precisasse.

Sentada ao meu lado, com seus cabelos loiros bem-aparados, estava a sargento Anne Jones. Ela era capaz de beber mais do que qualquer homem da unidade e ganhar da maioria na queda de braço, mas tinha uma paixão secreta pelos romances da Nora Roberts. Um dia eu a flagrei lendo um livro da autora e ela ameaçou cortar minhas bolas com uma faca enferrujada se eu contasse para alguém.

Cada um de nós tinha um sorriso no rosto ao sacolejarmos pela pista irregular ao longo da área bombardeada. E não era só por causa do sol, dos gracejos e das piadas a impressão de estarmos a caminho de um churrasco. Tinha a ver com o senso de conquista. Uma sensação de término.

Se alguém tivesse me perguntado, eu teria dito que era contra a nossa vinda ao Iraque. Mas a minha opinião não era importante. Eu estava servindo. Seguia as ordens. É isso que significa estar no Exército.

O que tornava aquele dia tão bom era saber que tudo terminara. Claro que haveria uma operação de limpeza, mas as tropas já tinham feito a sua

parte. Ninguém duvidava que as armas de destruição em massa seriam encontradas. Ninguém do nosso lado, pelo menos.

As forças combinadas das tropas americanas e britânicas tinham derrubado um regime déspota. A justiça seria feita, finalmente, para o povo que sofreu por tanto tempo nesta terra arruinada.

Olhei para a minha direita. A sargento Jones estava vendo algumas das fotos que tirou em sua pequena câmera digital. Jones parou numa foto em especial e aumentou um pouco o zoom. A imensa estátua de 12 metros de Saddam Hussein, erguida em 2002 como celebração pelo seu aniversário de 65 anos, sendo derrubada por tropas americanas na Firdus Square, em Bagdá.

Ela tirou a foto no instante em que a cena estava sendo transmitida ao vivo numa pequena cafeteria, por uma televisão grandalhona presa na parede atrás do balcão. Jones fotografou a estátua no meio da queda e a imagem ficou surpreendentemente clara.

Uma foto icônica. Centenas de imagens parecidas estavam sem dúvida percorrendo os noticiários internacionais. Era um daqueles instantes que mudam o mundo, pensei. A queda do muro de Berlim. Armstrong andando na lua. Kennedy sendo alvejado.

O fato de aquilo ter acontecido do outro lado da rua do Palestine Hotel, onde repórteres do mundo todo estavam hospedados, nem passou pela nossa cabeça. Também deixamos de notar que não parecia haver muita gente comemorando.

Tanques americanos circulavam a área, o que era uma necessidade. Tiros de franco-atiradores impediram a primeira tentativa do tenente da Marinha Tim McLaughlin erguer uma bandeira americana. A guerra talvez tivesse terminado, mas alguns combatentes ainda não sabiam. Jones desligou a câmera e sorriu de novo, protegendo os olhos para ver o sol.

9 de abril de 2003, o dia em que tudo mudou.

– Vai ser outro dia quente – comentou ela, sem surpreender ninguém, enquanto o jipe sacolejava pela estrada, segundos antes da mina terrestre detonar e explodir num clarão incandescente de dor, luz e morte.

capítulo 8

SENTI COMO SE TIVESSE SIDO enfiado num saco e chutado através do vestuário pela linha defensiva inteira dos Miami Rangers. Senti a areia áspera entupindo as narinas, o calor na pele esfolada das bochechas. Minha cabeça latejava como se estivesse sofrendo a pior ressaca da minha vida.

Meus olhos estavam fechados com força e não consegui me convencer a abri-los. Não me atrevia. Escutei um gemido baixo que parecia vir de um animal em sofrimento e demorei pouco tempo para reconhecer que o barulho vinha de mim.

Respirei fundo com dificuldade. Por fim, abri os olhos.

A luz do sol pareceu queimar minhas retinas. Fechei os olhos de novo e esperei alguns segundos, respirando fundo. Protegendo a visão com a mão, abri os olhos novamente.

Eu estava deitado de lado perto de uma perua Volvo destruída que me lembrei de ter passado antes da mina explodir. Coloquei o braço sobre a testa para proteger melhor os olhos da luz ofuscante. Meu corpo todo protestava contra o menor movimento, mas quando passei o peso para o quadril nada pareceu quebrado.

Olhei para a rua. A uns 5 metros de distância, a maior parte do nosso jipe estava soltando uma fumaça preta densa no céu azul, como um sinal de socorro enviado tarde demais.

O jovem motorista estava morto. Sua mão direita estava esticada na minha direção, como se implorasse por ajuda. Uma mosca pousava no seu olho aberto.

Mais para a frente jazia a sargento Jones. Momentos antes, ela celebrava a queda de Saddam Hussein. Agora estava tão inerte quanto a estátua derubada do ditador. Tinha o pescoço torcido num ângulo impossível. Morta nas ruas, assassinada pelo mesmo regime que ajudou a derrubar. Morta antes de começar a nova era que ela desejava para o país.

Limpei o rosto com a manga e estreitei os olhos, verificando os arredores do jipe. Nenhum sinal do meu oficial superior. Eu ficaria coberto de hematomas, mas estava vivo. Miraculosamente vivo. Levantei-me desajeitado sobre um joelho, estremecendo com a dor que atravessava o meu corpo.

Meu joelho cedeu e a agonia tirou o ar dos meus pulmões. Caí de lado, em parte por instinto, em parte por causa do próprio movimento. Foi nesse momento que o tiro ressoou. Um único estalo agudo.

Uma fração de segundo depois, a bala acertou o meu braço esquerdo, logo embaixo do ombro. O impacto virou o meu corpo e eu caí de novo no chão, como um pino de boliche derrubado.

Encolhi o corpo e cobri a ferida com a mão. Não devia ter ficado surpreso. É procedimento padrão deixar um homem para trás caso alguém sobreviva à bomba. E também para admirar a explosão.

– Agacha, Carter! – gritou o meu comandante de algum ponto de trás do jipe arruinado. – O atirador está no prédio atrás daquele Volvo – acrescentou, sem muita necessidade. Coloquei a mão no meu braço ferido. Eu já tinha aquela informação específica. Abri o coldre no meu cinto e saquei a pistola.

– Fique parado! – gritou Richard de novo. – Ele tem você na mira.

– Senhor! – gritei de volta e ergui a cabeça para enxergar sobre o topo do veículo.

Outra bala acertou com força o metal do carro e eu precisei me jogar no chão de novo. O capitão Smith deu um tiro na direção do franco-atirador, mas ele estava numa posição protegida atrás dos restos queimados de uma casa.

“Sempre ouça o seu oficial superior. Não pense a respeito, apenas faça o que ele diz” resume bem o que eles repetiram à exaustão no campo de treinamento antes de eu me especializar com a PMR. Fique onde está, ele disse. Na hora pareceu um ótimo conselho.

Até a sargento Anne Jones mover a cabeça.

capítulo 9

ROLEI DE LADO MAIS UMA vez e me ergui.

Esticando o meu braço bom, passei a pistola por cima do Volvo detonado e fiz um disparo na direção do franco-atirador.

Pelo amor de Deus, essas pessoas não sabem que a guerra acabou?

Uma saraivada de balas chacoalhou o Volvo. Eu fiquei feliz, pois quem quer que estivesse mirando em mim não tinha um lançador de granadas.

– Em nome de Deus, o que você está aprontando, Carter? – berrou o meu comandante.

– Anne, senhor – respondi. – Ela se mexeu.

– Merda!

Ele não falou mais nada.

– Não podemos deixá-la aqui, senhor.

– Sim, obrigado pela informação, sargento. Ele está 45 graus à sua esquerda, janela do primeiro andar, lado direito. No três vou sair atirando. Quando eu chegar na sargento Jones, me cubra. Um, dois, três...

Uma rápida sucessão de tiros ressoou quando ele saiu do lado do jipe destruído segurando a pistola erguida com as duas mãos enquanto corria agachado até a sargento caída. Seus tiros crivaram de balas a parede e as janelas do prédio onde o franco-atirador estava.

Eu me ergui com um gemido, apoiei os meus braços no teto do Volvo e mirei. O capitão Smith chegou até a sargento Jones, soltou a pistola e se agachou para erguê-la do chão.

Vi um movimento na janela em que eu estava mirando e atirei. Atiraram de volta. Disparei de novo três ou quatro vezes e vi outro movimento. Será que tinha acertado?

– Está limpo! – gritou o capitão Smith, de trás de mim.

Eu estava prestes a baixar a pistola quando a luz do sol reluziu no cano de uma arma que acabara de aparecer na janela. O cano subiu e eu supus que o atirador estivesse recarregando.

Sem pensar muito, dei a volta pelos restos do Volvo e corri mancando até o prédio, ignorando os gritos do meu oficial superior atrás de mim.

Contando na cabeça os segundos que o franco-atirador levaria para recarregar, fui tropeçando até a entrada do prédio. Troquei o pente da pistola e a mantive firme, mirando no topo da escada enquanto me erguia sobre um joelho.

Encostei o corpo na parede, mantendo a pistola tão firme quanto podia com o braço ferido. Um filete de suor desceu pela minha testa até o olho.

A casa, como as outras naquela área da cidade, tinha sido atingida por fogo pesado de morteiro. As paredes estavam danificadas pela fumaça, qualquer móvel que não tivesse sido destruído já fora saqueado havia muito tempo e a escadaria à minha frente parecia perigosamente inclinada.

Segui em frente com a arma na altura do ombro. Subi cada degrau devagar, ciente da instabilidade do meu calcanhar esquerdo, embora já não percebesse mais a dor.

Inclinei-me contra a parede à direita para ficar menos exposto. Prendi o fôlego enquanto subia cada centímetro por vez.

Eu estava no quinto degrau, cerca de dois terços do caminho até o topo, quando a superfície logo abaixo do meu calcanhar cedeu. Minha perna passou pela madeira destruída e eu caí de lado. Estendi os braços para tentar manter o equilíbrio e a pistola bateu na parede.

Outro filete de suor escorreu até o meu olho. Foi depois de limpá-lo que eu vi o cano de um rifle apontado bem na minha cara.

capítulo 10

OAR FOI TOMADO PELO SOM de tiros.

Uma bala acertou a minha coxa e me fez cair para trás, arrancando a minha perna direita da escadaria danificada e me fazendo cair pelos degraus no chão de concreto. O capitão Smith estava no vão da porta, com o dedo afundado no gatilho do fuzil.

Segundos depois, o cadáver do insurgente iraquiano caiu pela escadaria e aterrissou ao meu lado, sua cabeça batendo no chão duro. Ele não gritou. Estava morto.

Olhei para a entrada. Vi a silhueta do oficial superior através da fumaça iluminada.

– Obrigado pela ajuda – gritei para ele, os dentes cerrados.

– *De nada* – respondeu ele, antes de cair de joelhos, sua arma batendo no chão.

– Capitão – falei, tentando me erguer e mancando na direção dele.

– Anne não sobreviveu – informou ele, com a voz rouca. – Acho que eu também não irei sobreviver.

Ele caiu para a frente e eu o segurei.

– Parece que é só você, Dan.

– Não diga isso. Vamos procurar ajuda. Vamos ficar bem.

Ele meneou a cabeça, fraco.

– Ouvimos mentiras demais nessa guerra maldita. A verdade é que a gente nem deveria estar aqui e eu não acho que o que aconteceu hoje vai mudar alguma coisa.

– Aguenta firme. Vou buscar ajuda.

Ele balançou a cabeça de novo.

– Me faz um favor? – Sua voz era um sussurro.

– Qualquer coisa – respondi, com a voz suave.

– Cuide da Chloe por mim – disse o capitão Smith. Em seguida, soltou o ar e morreu nos meus braços.

– Pode deixar, chefe – respondi, com lágrimas nos olhos. – Pode deixar.

capítulo 11

O AVISO PARA APERTAR OS CINTOS acendeu novamente e o sobressalto afastou o meu devaneio. Pelas minhas contas, estávamos a cerca de meia hora de Heathrow. Verifiquei o meu cinto de novo, um hábito que você adquire no exército: “Cuide do seu equipamento e, com sorte, o seu equipamento cuidará de você.” A fivela estava bem encaixada.

Hannah não parecia ter se incomodado com o aviso inicial de possível turbulência. Estava ouvindo música no iPod. Algum rap malfeito, provavelmente, ou o quer que a garotada bacana estivesse ouvindo hoje em dia. Pode me chamar de antiquado, mas gosto de músicas que tenham um pouco de melodia.

Talvez eu *esteja* ficando velho.

Quando o 787 passou por uma leve turbulência, eu envelheci uns cinco anos pelo menos. Voar podia ser o jeito mais seguro de viajar, mas também era o meu pior pesadelo. O avião construído com tecnologia de ponta caiu como uma pedra. Senti uma pequena mão segurando a minha e vi a jovem que eu estava escoltando me observando, preocupada.

– Está tudo bem – disse ela. – Estatisticamente você tem muito mais chances de morrer atravessando a rua do que voando.

Pessoas que inventam ditados assim deveriam ser fuziladas.

– Eu sei disso.

– Mas parecia que você estava prestes a ter um ataque cardíaco.

Percebi que Hannah tentava parecer corajosa. Forcei um sorriso.

– Indigestão – expliquei. – Eu devia ter recusado aquele sanduíche de lagosta. Nunca me dou bem com crustáceos em altas altitudes.

– Eu sou judia – disse Hannah.

Fiquei claramente intrigado

– Judeus não comem crustáceos – explicou ela.

– Eu sabia disso e é muito sábio – assenti. – Pode detonar com os sucos gástricos. – Fiz uma careta quando o avião sacolejou mais uma vez.

– Se vive no mar, tem que ter barbatanas e escamas para ser kosher. Mas eu não ligo. Adoro lagosta.

– Não é ortodoxa, então?

Ela olhou para mim de novo.

– Não sei direito o que eu sou. Nem fiz Bat Mitzvah.

Seus olhos pareceram se encher de tristeza de novo. Percebi que ela ainda estava segurando a minha mão. De repente, tão rápido quanto começou, a turbulência sumiu. Ela sorriu para mim, mas a tristeza nos seus olhos não foi embora.

– Então você vai cuidar de mim na Inglaterra? – perguntou Hannah, soltando a minha mão.

Não pude ter certeza, mas pensei ter detectado um traço de humor nos seus lábios quando ela fez a pergunta.

– Sim – confirmei. – Vou cuidar de você.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br